



Ministério da
Cultura



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE**

FLÁVIA F. FERNANDES

**A DRAGA E O DRAGÃO:
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE POÇO
DA DRAGA E O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA**

Olinda
2014

FLÁVIA F. FERNANDES

**A DRAGA E O DRAGÃO:
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE POÇO
DA DRAGA E O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientador: Profa. Dra. Isaura Botelho

Olinda
2014

FLÁVIA F. FERNANDES

**A DRAGA E O DRAGÃO:
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE POÇO
DA DRAGA E O CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 25 de novembro de 2014.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Isaura Botelho
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Cibele Maria Lima Rodrigues
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este estudo aos públicos da cultura, que dão vida e sentido ao nosso trabalho.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, por ser uma fonte inesgotável de insights, descobertas e aprendizados, em especial ao Presidente Paulo Linhares e à Diretora Maninha Moraes, por possibilitar a vivência desta preciosa formação.

Aos professores e colegas pelo compartilhar de tantas inspirações e conhecimentos.

À Professora Isaura Botelho pela orientação e parceria neste percurso.

À Comunidade Poço da Draga por possibilitar a realização desta pesquisa, em especial à Izabel Cristina pelo suporte e colaboração.

Ao meu marido Fabiano pelo suporte e à minha filha Flora, que nasce junto com este TCC.

Segundo se compreende desta ou daquela maneira os determinantes, as molas da ação, as maneiras de transformar ou de manter a situação atual das coisas, de modificar ou de conservar os comportamentos, podem ser muito diferentes. Pois as teorias da ação, no fundo, são sempre teorias políticas. Respondendo à pergunta “O que é agir?”, elas preparam o terreno para a reforma das maneiras de agir. Ao se estar em condições de captar os processos que levam os atores a agir como agem, então é possível agir sobre as suas ações e modificá-las. (LAHIRE, 2002, p. 14)

FERNANDES, Flávia. A DRAGA E O DRAGÃO: Um estudo sobre a relação entre a Comunidade Poço da Draga e o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. p. il. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RESUMO

O presente estudo apresenta a pesquisa realizada junto à Comunidade Poço da Draga, com o intuito de investigar a relação e percepção dos moradores frente ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Para realização da pesquisa foram realizadas entrevistas com questionários estruturados junto a 15 moradores da Comunidade. Como método de análise dos dados coletados o trabalho fluiu em duas perspectivas: Análise da pesquisa de campo com gráficos comentados e a partir do universo de pesquisa, foram selecionados 03 entrevistados para constituição dos Perfis Culturais, que possibilitou identificar variações e distinções dentro da comunidade. Através deste estudo foi possível identificar práticas de consumo cultural, a percepção da comunidade em relação ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, bem como possibilidades no campo da formação e diálogo com o público.

Palavras-chave: Comunidade Poço da Draga, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Diálogo, Públicos da Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O CAMPO DE PESQUISA SOBRE PÚBLICOS DA CULTURA	11
3	CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA	13
4	A COMUNIDADE POÇO DA DRAGA	16
5	METODOLOGIA DA PESQUISA	18
6.	APRESENTAÇÃO DOS DADOS	19
6.1	ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	19
6.2	PERFIS CULTURAIS	26
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
8	REFERÊNCIAS	34
9	ANEXOS	35

1. INTRODUÇÃO

É notável e unânime no campo da cultura a necessidade de conhecer melhor as práticas culturais que determinam e influenciam o perfil do público brasileiro. No Brasil, a realização de pesquisas ocorre ainda de maneira tímida, o que devido sua complexidade e diversidade, acaba por configurar um grande desafio para estudiosos e gestores na hora de planejar e executar políticas públicas, programas e ações culturais.

No caso do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC, equipamento cultural do Estado do Ceará que segundo dados institucionais hoje conta com aproximadamente 1 milhão de visitantes por ano, as pesquisas se fazem de suma importância, sobretudo para conhecer este público que hoje se apresenta em números, mas ainda com poucas informações sobre seu perfil, sua origem e suas práticas culturais.

Enquanto gerente do Cinema e Teatro do CDMAC foi possível observar uma homogeneização do público frequentador desses espaços, bem como, percebi que parte das pessoas que circulam no ambiente não participam de fato da programação oferecida, ou seja, circulam, porém não adentram o espaço para apreciar um filme ou espetáculo. Em algumas ocasiões, realizamos ações para ampliar o acesso de diferentes públicos ao oferecer sessões gratuitas nos sábados para moradores da Comunidade Poço da Draga, que se localiza a poucos metros do espaço. Não tivemos o retorno esperado e poucas pessoas realmente utilizaram o benefício. Foi possível observar através desta experiência, que a ausência da comunidade na programação não se devia apenas ao fato do acesso gratuito, mas que existia para além desta questão outros fatores que suscitaram a necessidade de conhecer suas práticas culturais, bem como de compreender e estudar a percepção da comunidade em relação ao CDMAC, ou seja: Como a comunidade do Poço da Draga percebe e utiliza o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura?

A relação entre estes dois atores, Comunidade e CDMAC, é de longo tempo. A comunidade Poço da Draga comemorou este ano 108 anos de existência e viu surgir imponente há 15 anos o Centro Cultural Dragão do Mar no seu entorno.

Neste contexto, este estudo surge da inquietação por conhecer melhor este público, que é potencial para o espaço, e realiza um recorte bem definido, ao estudar a percepção da Comunidade Poço da Draga em relação ao CDMAC através de uma pesquisa exploratória. É importante considerar que dadas as limitações para realização da pesquisa, este estudo é um primeiro levantamento com o intuito de lançar um olhar que possa contribuir na elaboração de

ações culturais que contemplem esta camada de público, bem como, que possa suscitar elementos que possibilitem o desenvolvimento de pesquisas e estudos neste horizonte.

A base deste estudo surge do entrelace teórico entre Pierre Bourdieu, pioneiro nas pesquisas com relação a práticas culturais e públicos da cultura e Bernard Lahire que ilumina a importância de uma análise que contemple as diferenciações e o sujeito da pesquisa em seu universo individual – através dos perfis culturais, e Isaura Botelho que traz a experiência das pesquisas junto ao público brasileiro.

Nesta perspectiva, enquanto procedimento metodológico a pesquisa se dará através de questionários e entrevistas, bem como a elaboração de perfis culturais que possam ilustrar as diferenciações dentro da própria comunidade, visando valorizar também a heterogeneidade presente no espaço de pesquisa.

2. O CAMPO DE PESQUISA SOBRE PÚBLICOS DA CULTURA

A realização de pesquisas referente aos públicos da cultura e suas práticas culturais são fundamentais para a elaboração e estruturação de políticas públicas condizentes com a realidade, bem como, possibilita um reconhecimento de identidades, desejos e anseios, que nutrem e fortalecem a prática da gestão cultural tanto no âmbito público quanto privado.

No Brasil este movimento ainda é embrionário e requer esforços, já que o campo da cultura na gestão pública ainda possui pouca influência e visibilidade. Nesta perspectiva, Botelho e Fiore (2005 p.4) ressaltam que “as pesquisas sobre práticas ou consumo cultural constituem hoje, para um grande número de países, importante instrumento para conhecer a evolução dos comportamentos da população”. Convém salientar que a produção e análise desses dados favorecem a institucionalização do campo da cultura na gestão pública e podem trazer elementos que subsidiem a construção de políticas, planos e programas efetivos de ação cultural que contemplem a diversidade de manifestações e públicos.

No âmbito das instituições de arte e cultura, que tem como pressuposto a formação e mediação de diferentes públicos perante a diversidade de manifestações artísticas e culturais, as pesquisas favorecem o diagnóstico para realização de ações que venham a contribuir para o aprimoramento do repertório cultural dos indivíduos. Para atingir este objetivo, Botelho e Vasconcelos (2010) ressaltam a necessidade de a instituição desenvolver uma política de relacionamento com o seu público, o que implica em conhecer quem são seus frequentadores e manter com estes um diálogo permanente. Neste aspecto, as pesquisas se tornam um horizonte fundamental.

Em termos metodológicos, a praxe da maioria dos equipamentos culturais é realizar pesquisas quantitativas e usá-las como termômetro para suas ações. Os dados estatísticos influenciam nas tomadas de decisão e na elaboração dos projetos de ação cultural. Porém medir a quantidade de frequentadores não evidencia suas características, nem tampouco revela a composição social destes públicos, conforme analisam Botelho e Vasconcelos (2010). Neste eclipse baseado em números a diversidade fica oculta nas estatísticas e podem dar a falsa visão do equipamento cultural estar cumprindo com seu papel perante os “princípios” da democratização cultural, através do amplo acesso confirmado pelos dados, porém sem demonstrar a diminuição da desigualdade da participação efetiva de certas camadas sociais nas programações propostas.

Convém realizar a distinção entre o conceito de democracia cultural e democratização cultural, pois as pesquisas aprofundadas poderão revelar a efetividade ou não destes conceitos nas políticas culturais que adotam um ou outro conceito.

Botelho e Fiore (2005, p. 8) explicam que:

“as políticas de democratização da cultura repousam sobre dois postulados básicos: o primeiro define que a cultura socialmente legitimada é aquela que deve ser difundida; o segundo supõe que basta haver o encontro (mágico) entre a obra (erudita) e o público (indiferenciado) para que este seja por ela conquistado.”

Neste sentido, as políticas culturais fundamentadas neste pressuposto assumem o papel de reduzir a disparidade de acesso, baseada nas desigualdades sociais e geográficas, bem como, na idéia de uma universalidade no desejo do acesso pelos bens culturais. Nesta perspectiva não é levada em consideração os mecanismos de formação destes públicos, que Bourdieu (2003) elucida na sua teoria do *habitus*, na qual, a formação do gosto perpassa as práticas primárias de relação e troca, de transmissão de gostos no bojo familiar e relacional, do despertar do interesse no ambiente educativo que favoreça a formação e desenvolvimento de uma competência apreciativa, e, sobretudo, de exercitar uma qualidade de atenção que o leve a aprimorar seus sentidos e capacidades na criação de associações e significados.

Logo, tratar de diminuir a desigualdade de acesso enquanto diretriz para ação cultural, só é pertinente a partir do momento em que exista uma “vontade de acessar” por parte destes públicos conforme explica Lahire (2006).

As pesquisas realizadas segundo a ótica da democratização cultural estabelecem critérios que definem o público como homogêneo e trazem um recorte baseado em parâmetros como classe, renda, faixa etária e localização domiciliar. Lahire (2006) coloca que apesar de estes parâmetros serem relevantes do ponto de vista analítico, neste viés de pesquisa não é

possível identificar as nuances e variações que podem ocorrer no mesmo espaço geográfico, social e até mesmo no próprio indivíduo.

Já o conceito de democracia cultural, segundo Botelho e Fiore (2005, p. 9), “pressupõe a existência de públicos diversos – não de um público, único e homogêneo. Pressupõe também a inexistência de um paradigma único para a legitimação das práticas culturais”, o que apontam para um universo mais amplo de análise. Neste horizonte, as pesquisas com caráter qualitativo podem contribuir para a compreensão das interseções, distanciamentos e relações nos hábitos de consumo cultural dos públicos da cultura.

É necessário explicitar que as duas metodologias de pesquisa são complementares e não se anulam. Assim como é fundamental a análise quantitativa para mensuração e planejamento, a abordagem qualitativa vem oferecer um horizonte mais aprofundado no universo da pesquisa, levando em consideração as práticas sociais, a conjuntura relacional, aspectos éticos e estéticos que levam os públicos a diferenciadas formas de consumo cultural.

Enfim, se faz necessária uma abordagem sistêmica e articulada nas pesquisas sobre os públicos da cultura, a fim de produzir materiais que possam de fato contribuir para a compreensão e para o planejamento de políticas culturais que considerem a complexidade e a diversidade como fatores elementares no campo da cultura.

3. CENTRO DRAGÃO DO MAR DE ARTE E CULTURA

“A cada momento histórico, cada pedaço da cidade evolui diferentemente, o centro histórico sendo, por sua persistência como lugar central, o espaço por excelência das mudanças contínuas e às vezes brutais de valor”. (Santos, 2002, p. 25)

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), fundado em 28 de abril de 1999, é um importante equipamento cultural do estado do Ceará e faz parte do Instituto Dragão do Mar, primeira organização social (OS) do Brasil na área da cultura, vinculada ao Governo do Estado do Ceará via Secretaria de Cultura.

Segundo Gondim (2007) os objetivos norteadores para criação do CDMAC foram o de servir de base para o exercício de uma política cultural conectada à promoção do turismo, com o intuito de galgar um espaço para Fortaleza no cenário econômico global, e também de criar um espaço simbólico, de forte inserção no contexto urbano da cidade que permitisse também a requalificação da antiga área portuária na qual foi implantado, e onde habita a Comunidade Poço da Draga, foco deste estudo.

O equipamento se destaca pela sua moderna arquitetura, concebida pelos arquitetos cearenses Del Berg Ponce de Leon e, o também aclamado músico, Fausto Nilo. O CDMAC é

um espaço imponente e arrojado, que intervém na paisagem pela sua grandiosidade e capacidade de se espalhar pelo espaço criando conexões com a Biblioteca Pública Dolor Barreira, possuindo nos seus arredores antigos casarões, preservados a priori por estar no contexto do CDMAC, que hoje abrigam restaurantes, bares e lojas de artesanato. Sua inserção nesta paisagem que aloca atividades portuárias e de obras corroborou para uma ressignificação deste espaço, sugerindo novos diálogos e conexões no contexto urbano da cidade.

Entre diversos aspectos positivos como a viabilização de um espaço para consumo cultural na cidade, o CDMAC vivencia também problemas e conflitos relativos à segurança pública e ao uso e ocupação do espaço no entorno.

Localizado no tradicional bairro da Praia de Iracema em Fortaleza, tem em seus cerca de 15 mil metros quadrados espaços dedicados à arte e a cultura: O Museu da Cultura Cearense, o Museu de Arte Contemporânea, o Teatro Dragão do Mar, as salas de cinema do Cinema do Dragão - Fundação Joaquim Nabuco, o Anfiteatro Sérgio Mota, um Auditório, o Planetário Rubens de Azevedo e a Praça Verde.

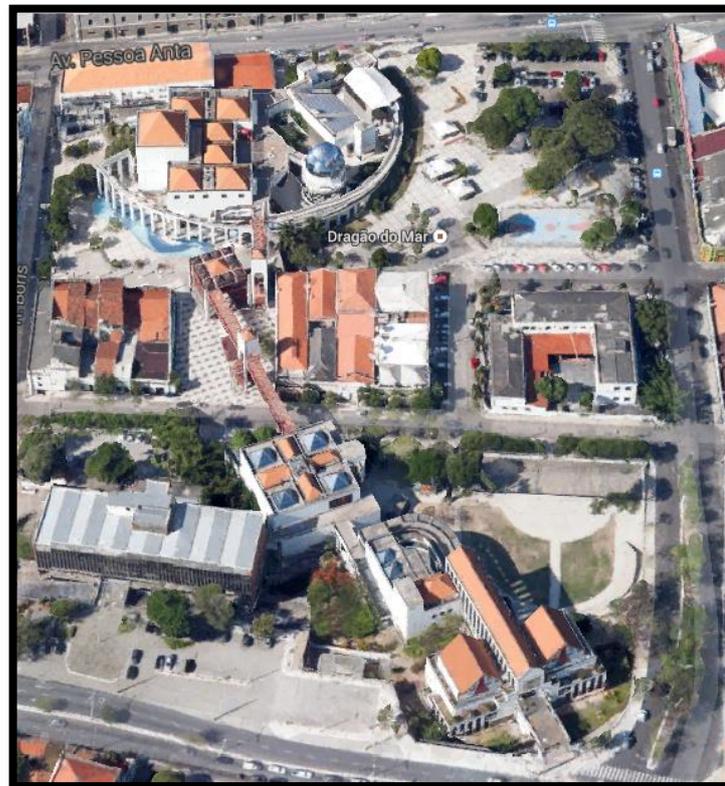


Figura 1 – Vista área do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.
Fonte: Google Earth 2014

A programação do CDMAC é intensa e diversificada, sendo grande parte gratuita ou com preços simbólicos. No ano de 2013, segundo o relatório anual de gestão, foram atendidas 961.008 pessoas/ano, sendo 86% de modo gratuito, o que contribui para a formação de público e amplia o acesso às diversas linguagens artísticas.

O impacto cultural e social da cidade de Fortaleza é relevante. Considerando a população de 2.551.806 habitantes (população estimada pelo IBGE para o Ano 2013), pode-se dizer que em 2013, 38% da população da cidade de Fortaleza visitou o CDMAC. Só no ano de 2014, o CDMAC já recebeu 509.791 pessoas no período entre janeiro e junho, conforme dados institucionais.

É evidente o impacto do CDMAC, nestes 15 anos de funcionamento, na vida cultural de Fortaleza. É hoje o principal equipamento cultural da cidade, viabilizando uma opção de lazer e consumo cultural “para um público relativamente heterogêneo, ainda que com predomínio das classes média e alta”, conforme analisa Gondim (2007, p.220). Entretanto, se faz necessário distinguir o público circulante do público que adentra e utiliza os espaços internos como teatros, cinemas e museus.

Na pesquisa realizada por Gondim (2011, p.62):

“constatou-se a frequência de pessoas cujo aspecto denota pertença a classes e grupos sociais menos favorecidos. Também estão representadas faixas etárias e situações sociais diversificadas: famílias inteiras, casais de namorados, grupos de adolescentes, idosos, crianças em idade escolar, pré-escolar ou mesmo bebês, acompanhadas pelas mães ou pais. Tal diversidade pode ser vista sobretudo ao longo da passarela que liga os três edifícios em que divide o equipamento cultural. A situação é diferente, porém, quando se tratam de espaços fechados, onde ocorrem atividades culturais: é diminuta a presença de pessoas de baixa renda em concertos e espetáculos de dança, mesmo quando o ingresso aos mesmos tem preço simbólico. Ainda que o acesso aos dois museus do CDMAC – o Memorial da Cultura Cearense e o Museu de Arte Contemporânea – seja gratuito aos domingos, eles atraem um público bem mais homogêneo do que os espetáculos (gratuitos) nos espaços abertos.”

Convém ponderar que o CDMAC se consolida como espaço público de fruição, lazer e consumo cultural da cidade, atingindo não somente as classes de maior poder aquisitivo, possibilitando a interação e convivência de um público heterogêneo em termos econômicos e culturais, sobretudo nos espaços de circulação. Entretanto, se observa que a “frequência às atividades culturais não tem a mesma diversidade, devido, principalmente, à desigual distribuição de capital cultural entre as pessoas que compõem o público do CDMAC”, conforme analisa Gondim (2011, p.67).

Mas como atingir também este público que não adentra o espaço do Dragão?

Neste sentido, as ações educativas assumem um caráter estruturante na formação do público, conforme ilumina Bourdieu (2007, p. 69):

“A necessidade cultural que diferentemente das necessidades básicas, é produto da educação: daí segue-se que as desigualdades diante das obras de cultura não passam de um aspecto das desigualdades diante da Escola que cria a “necessidade cultural” e, ao mesmo tempo, oferece meios para satisfazê-la.”

Para além das ações formativas, o investimento em pesquisa se faz necessário, pois apesar de possuir uma boa análise quantitativa, o espaço ainda não conhece profundamente o perfil do seu público. Para tanto existe a necessidade da realização de pesquisas que descortinem esta realidade, para que se possa ter uma programação cultural que alcance novas camadas de público ainda desconhecidas para o CDMAC.

4. A COMUNIDADE POÇO DA DRAGA

“Assim, o cotidiano de cada um se enriquece, pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro. As dialéticas da vida nos lugares, agora mais enriquecidas, são paralelamente o caldo de cultura necessário à proposição e ao exercício de uma nova política”. Santos (2001, p. 172 - 173)

A comunidade Poço da Draga fica localizada na Praia de Iracema e completou este ano de 2014 e comemorou seus 108 anos de existência. Seu surgimento data do ano de 1906 e vai de encontro à instalação do Porto de Fortaleza, o qual passou a desenvolver atividades de importação e exportação de mercadorias, bem como de transporte humano. Neste contexto a intensificação da atividade portuária passou a atrair pescadores e trabalhadores para povoar este espaço produtivo, conforme relata Ferreira (2006).

O percurso de fixação da Comunidade na Praia de Iracema, espaço considerado nobre, contém na sua trajetória um histórico de lutas pela permanência no local. Desde 1960 a comunidade vivenciou inúmeras possibilidades de remoção e transferência de local. Muitas destas propostas estavam em consonância com projetos de instalação de empreendimentos de valorização espacial e de interesse turístico.

Atualmente, a Comunidade abriga 2029 moradores em cerca de 510 casas, em contagem não oficial realizada pela Ong Velaumar. As atividades econômicas da comunidade estão em grande parte ligadas ao mercado informal, tais como: vendedores ambulantes, comerciantes, pescadores, entre outros.

Entre os trabalhadores, poucos tem carteira assinada. Este fato se deve também a baixa escolaridade dos moradores. Segundo levantamento da SEINFRA (2001, p. 6), mais da

metade dos moradores não concluíram o ensino fundamental e menos de 10% possui o ensino médio completo.

Mesmo estando situada em área nobre da cidade a comunidade ainda não conta com serviços públicos importantes como saneamento básico e enfrenta dificuldades relacionadas a segurança pública.

Há 15 anos a Comunidade viu surgir no seu entorno o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e junto com ele a possibilidade de trabalho e formação no campo da cultura.

A área onde está inserida a Comunidade Poço da Draga sofreu fortes mudanças após a instalação do CDMAC atraindo a atenção da gestão pública para a inserção de novos empreendimentos, bem como pactuando do plano de requalificação da Praia de Iracema. Abaixo a imagem ilustra a proximidade entre os dois espaços.



Figura 2 – Proximidade Dragão e Poço da Draga
Fonte: Google Earth 2014

Ferreira (2006, p.39) comenta este processo de instalação:

“Em 1998, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é inaugurado pelo Governo do Estado, na perspectiva de alavancar o processo de revitalização da Praia de Iracema e do centro da Cidade. Sendo o Poço da Draga seu entorno direto, o projeto inicial do Centro previa uma ação mais efetiva junto aquela comunidade, na área educativa e de formação profissional visando uma reintegração da população ao equipamento construído, fato que até então ainda não veio a se realizar, ao menos, a contento.”

Em 2000, mobilizados os moradores da comunidade se organizaram através da Ong Velaumar e junto com a gestão do CDMAC na época, formaram o grupo “Galera do Dragão”,

no qual em parceria desenvolveram uma série de oficinas de capacitação para os trabalhadores informais que viriam a atuar no espaço. Desta iniciativa resultou 120 moradores qualificados. Porém, este projeto entrou em descontinuidade com a alternância de gestões.

Atualmente o diálogo do CDMAC com a comunidade é pequeno diante das potencialidades que poderiam ser desenvolvidas em conjunto. Sobre essa perspectiva esta pesquisa pretende lançar o olhar para compreender como esta comunidade percebe e utiliza o espaço do CDMAC.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

A sociologia deve dar conta do conjunto do leque de sentimentos e de relações com a cultura, dos mais apaixonados aos mais indiferentes, passando pelos mais impostos, pelos mais curiosos e pelos mais duvidosos. Lahire (2006, p. 26)

Este estudo se trata de um levantamento exploratório de recorte bem definido e com amostragem reduzida. O percurso metodológico escolhido para esta pesquisa é o caminho do meio, no sentido de buscar assegurar uma análise básica quantitativa que forneça elementos para reflexão, mas também utilizar uma análise qualitativa, a fim de aprofundar o olhar para as preciosas diferenciações que existem no ambiente estudado.

A análise quantitativa e classificatória é importante geradora de dados estatísticos e de suma importância para o processo de pesquisa. Nesta perspectiva, optou-se por uma abordagem que buscasse levantar a frequência de utilização e a percepção dos entrevistados em relação ao CDMAC. Considerando os limites do campo de pesquisa, para esta etapa foram entrevistadas 15 pessoas, abrangendo a faixa etária de 06 a 70 anos.

Entretanto, os resultados estatísticos criam uma massa de análise que não permite um aprofundamento das nuances dos sujeitos da ação investigativa. Neste sentido, ancorada na metodologia de Perfis Culturais de Bernard Lahire, foi realizada em contrapartida, uma análise que contemple as variações que existem dentro do próprio campo da pesquisa. Nesta perspectiva, dentre os 15 entrevistados, foram escolhidas 3 participantes com idade semelhante para traçar os perfis culturais. Composto-se de 01 moradora da comunidade que é funcionária do CDMAC, 01 moradora da comunidade que frequenta a programação do CDMAC, e 01 moradora da comunidade que não frequenta a programação do CDMAC. A definição da escolha destes 3 perfis, ocorreu durante o processo de campo, na qual foi possível identificar essas diferenciações. Nesta etapa foi possível identificar as diferenciações existentes dentro do próprio perfil da comunidade.

As entrevistas ocorreram entre os meses de setembro e outubro de 2014 e foram realizadas na Comunidade Poço da Draga e na Praça Almirante Saldanha, no Dragão do Mar.

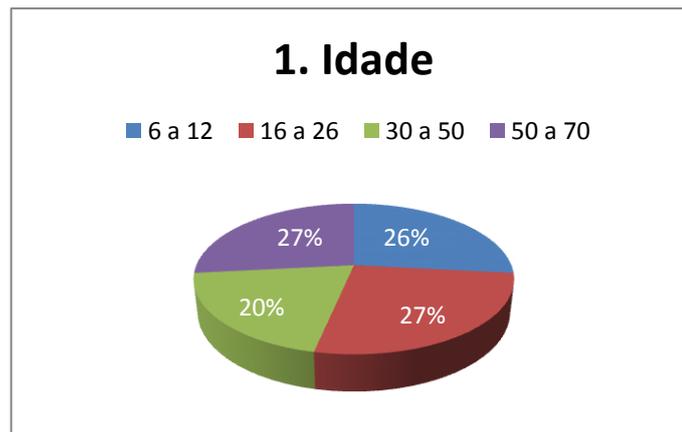
6. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A apresentação dos dados seguirá em 2 etapas: A primeira apresenta a síntese dos questionários aplicados na pesquisa de campo, com os resultados ilustrados em gráficos comentados. A segunda etapa apresenta os perfis culturais dos 03 entrevistados escolhidos para análise das diferenciações.

6.1 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

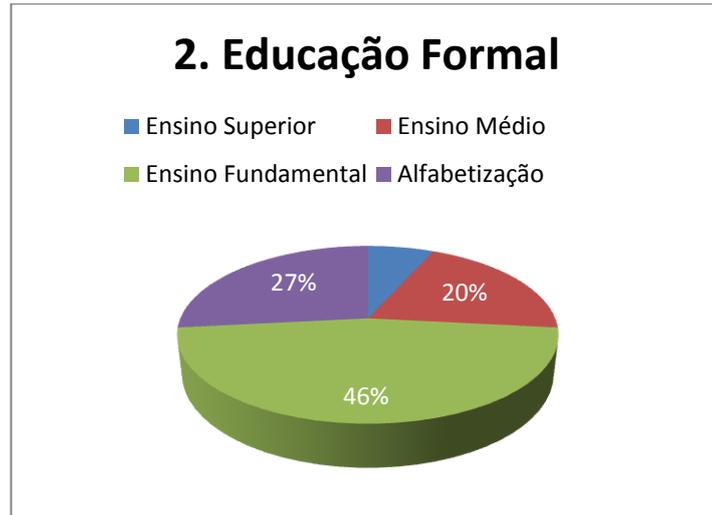
“[...] as representações, em parte, constituem as práticas, porém não contam essas práticas. Se uma ciência do mundo social é possível, isto pode acontecer por meio da interpretação [...] daquilo que fazem e dizem os atores.” Lahire (2004, p. 25)

Gráfico 1. Idade dos Entrevistados



A pesquisa contou com uma variação de faixa etária entre 06 e 70 anos. Compreendeu-se que era importante uma análise que abrangesse uma diversidade de olhares.

Gráfico 2. Escolaridade dos Entrevistados



Dentre os 15 entrevistados apenas uma participante concluiu o Ensino Superior. A grande maioria cursou ou cursa o ensino fundamental. Na lógica de Bourdieu as necessidades culturais são produzidas sobretudo no âmbito escolar. Neste sentido, apresenta-se aí uma necessidade de ações formativas que contribuam para o despertar dessas necessidades.

Gráfico 3. Conceito sobre o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



40% dos entrevistados entendem o Dragão do Mar como um espaço dedicado a cultura e o descrevem como sendo um Centro Cultural. 27% entendem que o espaço é um local para a prática do lazer. 13% percebem o Dragão do Mar como um local de trabalho.

Gráfico 4. Participação em atividades do CDMAC.



87% dos entrevistados já participaram de alguma atividade oferecida pelo CDMAC. 13% nunca participou e não conhece os espaços do Dragão. A proximidade com o CDMAC possibilita a participação sobretudo nos espaços abertos e eventos gratuitos.

Gráfico 4.1 Espaços mais citadas



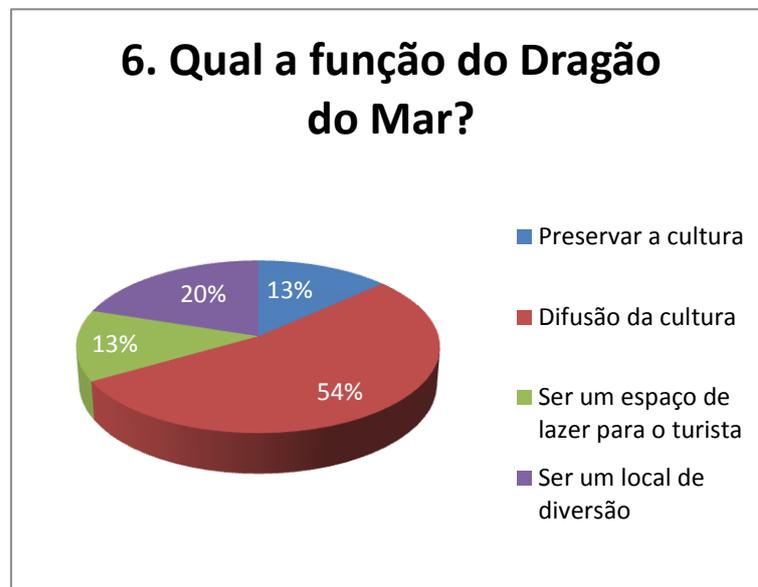
Aos entrevistados que já participaram de alguma atividade, foi perguntado em qual espaço. Os locais mais citados foram a Praça Verde, a Praça Almirante Saldanha e o Planetário. Estes três espaços têm ainda a preferência dos entrevistados. Interessante notar que as praças constituem importante espaço de lazer e fruição deste público, na sua maioria os eventos são gratuitos e permitem a livre circulação.

Gráfico 5. Frequência atual no CDMAC



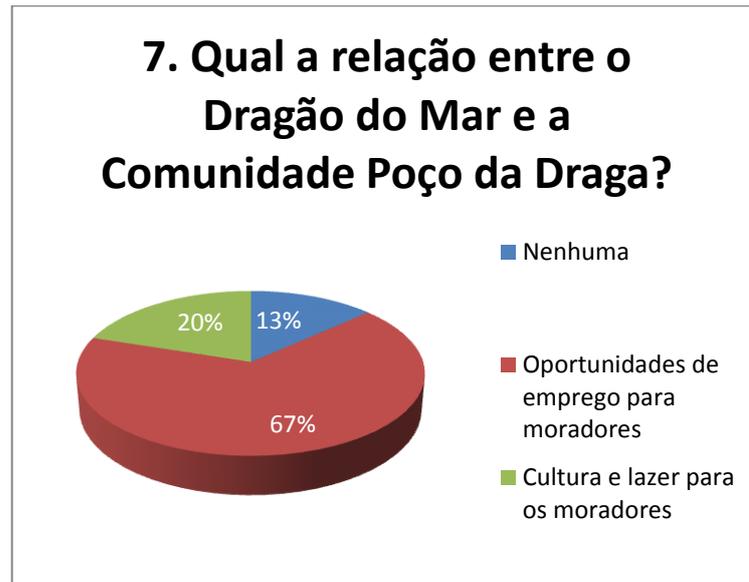
53% dos entrevistados ainda frequentam o CDMAC. A maioria crianças e os trabalhadores informais da Praça Almirante Saldanha. Esta praça foi amplamente citada na pesquisa como importante espaço de lazer deste público. Ela é dotada de uma quadra de esportes que a comunidade utiliza. É motivo de grande crítica também no que diz respeito a manutenção e programação por parte do CDMAC. 47% dos entrevistados não frequentam e alegam motivos como: falta de tempo, programação repetitiva, falta de hábito.

Gráfico 6. Função do CDMAC



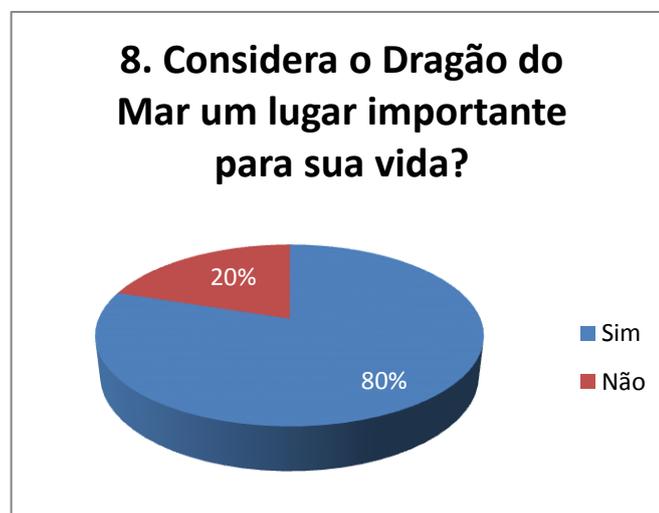
Quando perguntado qual a função do CDMAC, 54% dos entrevistados colocam que é um espaço dedicado a difusão cultural. 13% compreende que é um espaço dedicado ao turista. O público entrevistado identifica a função do espaço, entretanto usufrui de modo tímido.

Gráfico 7. Relação entre CDMAC e Poço da Draga



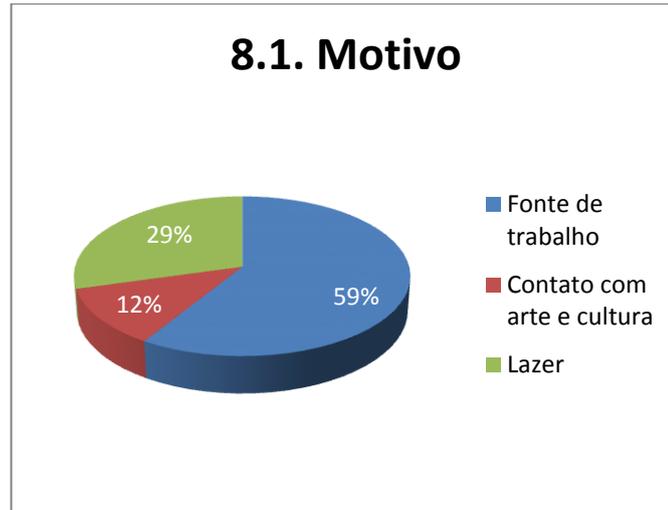
67% dos entrevistados percebem que a relação do CDMAC com a Comunidade é associada a geração de emprego. Na comunidade grande parte dos jovens iniciam suas atividades profissionais realizando estágios no espaço. 20% observam que é um espaço para cultura e lazer dos moradores. 13% não percebe nenhuma relação.

Gráfico 8. Importância do CDMAC



80% dos entrevistados acreditam que o CDMAC é um espaço importante para suas vidas pois é visto como fonte de oportunidades, outros moradores citam que se sentem privilegiados por morar ao lado do centro de arte e cultura. 20% são indiferentes a existência do espaço.

Gráfico 8.1 Importância do CDMAC - Motivo



Segundo os entrevistados que acreditam que o espaço tem importância em sua vida, 59% apontam como motivo o CDMAC ser sua fonte de trabalho. 29% por ser um espaço de lazer e 12% por oferecer contato com arte e cultura.

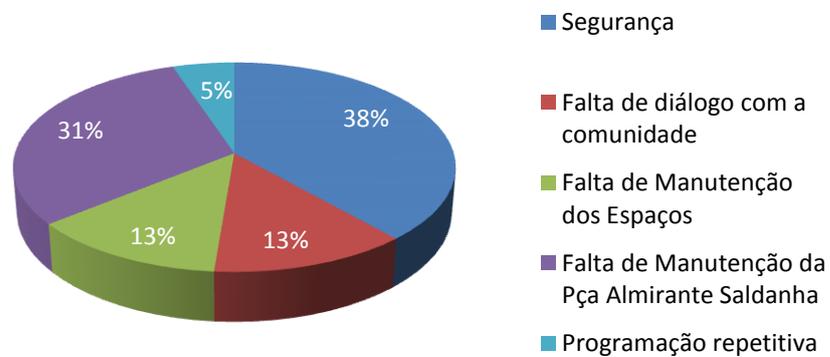
Gráfico 9. Pontos Positivos do CDMAC



50% dos entrevistados apontam como ponto positivo a geração de empregos para a Comunidade Poço da Draga. 21% avaliam como positivo o espaço oferecer lazer para jovens e crianças enquanto 21% julgam a Praça Almirante Saldanha um importante espaço para socialização e lazer da comunidade.

Gráfico 10. Pontos Negativos do CDMAC

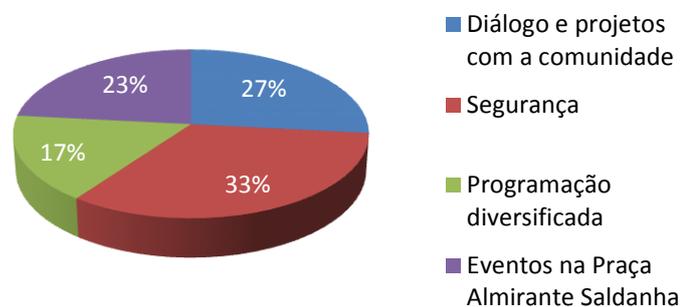
10. Pontos Negativos do Dragão do Mar



Na avaliação dos pontos negativos, 38% dos entrevistados colocaram que a segurança no CDMAC é fragilizada e requer melhorias. 31% apontam que a falta de manutenção da Praça Almirante Saldanha e a descaracterização do espaço para eventos é um ponto negativo. A questão de manutenção apareceu também em relação aos espaços do CDMAC, citada por 13%. A falta de diálogo com o entorno foi colocada por 13% dos participantes como sendo um ponto frágil.

Gráfico 11. O que falta no CDMAC

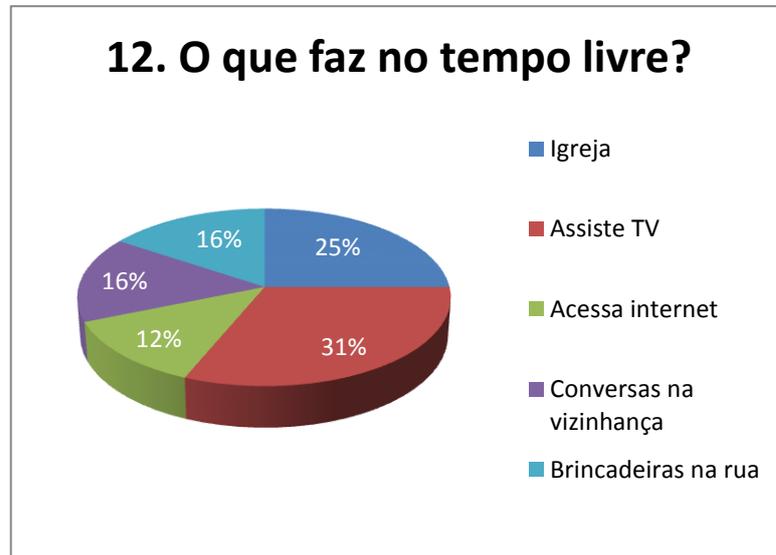
11. Do que sente falta no Dragão do Mar?



Para 33% dos entrevistados a segurança é uma questão importante. 27% acredita que o CDMAC deveria estabelecer um diálogo para a realização de projetos junto com a Comunidade Poço da Draga. 17% gostaria de uma programação diversificada e 23% sugerem

eventos na Praça Almirante Saldanha.

Gráfico 12. O que faz no tempo livre



Com o intuito de conhecer melhor as práticas culturais dos participantes foi realizada esta pergunta. A grande maioria dedica a televisão e a igreja seu tempo livre. Os mais jovens optam por acessar internet e brincar. É comum também a prática de conversar com os vizinhos na rua. Nenhum citou visitas ao CDMAC.

6.2 OS PERFIS CULTURAIS

“Na verdade, uma disposição é uma realidade reconstruída que, como tal, nunca é observada diretamente. Portanto, falar de disposição pressupõe a realização de um trabalho interpretativo para dar conta de comportamentos, práticas, opiniões, etc. Trata-se de fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas.” (LAHIRE, 2004, p.27)

Perfil 01 – Tão perto e tão longe

Dona Rosineide de Souza Ferreira tem 51 anos, é alfabetizada e atua como ambulante na venda de bebidas na Praça Almirante Saldanha, no Dragão do Mar, há 15 anos. Para ela o CDMAC é um espaço com múltiplas atividades incluindo nelas os restaurantes e bares dos arredores. Quando pergunto para ela o que é o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura ela diz: “É tudo isso aqui onde a gente tá, um lugar com muitas atividades, restaurantes, cinema”. Segundo ela o espaço serve para receber o turista e é também uma forma de lazer para a cidade de Fortaleza.

Dona Rosineide tem dificuldades em definir o CDMAC, pois nestes 15 anos nunca adentrou os espaços que ofertam as programações. Pergunto a ela se não tem curiosidade, e

ela diz que sim. Então começo a explorar o que impede o acesso. Comentei da variedade de atividades gratuitas que eram oferecidas semanalmente e das facilidades de acesso pelo preço simbólico das atividades. Ela diz que não é uma questão financeira e dispara: “Eu tenho vontade de entrar lá dentro dos espaços só pra ver como é. Chegar olhar e ir embora. Não gosto de ficar presa no lugar, gosto da rua”.

A entrevistada nunca assistiu a uma peça de teatro nem um filme no cinema. Tampouco esteve presente em uma exposição de arte. Segundo ela, a falta de tempo é um fator que pesa na hora de realizar essas atividades. Quando tem tempo livre aproveita para assistir tv ou ficar na rua conversando com a vizinhança, estes são seus hábitos culturais. É possível perceber na fala de Dona Rosineide que o tempo empreendido em atividades culturais é percebido como uma “perda de tempo”, ou um tempo mal aproveitado.

Na lógica de Bourdieu (2003), Dona Rosineide olha mas não vê, ou seja, não desenvolveu ao longo de sua trajetória uma disposição culta que a leve a apreciar ou a empreender atividades culturais que despertem seu interesse e prazer. Isso não significa que seus hábitos culturais estejam sendo negados. Isso demonstra apenas que a apreciação estética de obras culturais requer o desenvolvimento de capacidades que germinam do contexto da escola, da família, e das demais relações sociais. Apesar desta ponderação, é curioso perceber que durante tanto tempo no convívio com outras pessoas que frequentam as atividades e atuando profissionalmente nos arredores do Dragão, sua curiosidade nunca tenha sido contemplada.

Para Dona Rosineide, existe uma relação entre a Comunidade e o Dragão devido a geografia já que O CDMAC está a poucos metros da Comunidade. Para além da distância, existe também a forte relação econômica, pois muitos ambulantes que atuam na Praça Almirante Saldanha, são provenientes da Comunidade. Além deste fator, ela cita que muita gente de lá trabalha no Dragão. Reforça que muitos jovens tem sua primeira oportunidade de emprego no CDMAC. O espaço tem grande valor na sua vida: “O Dragão do Mar é tudo pra mim, é de onde tiro toda a renda da minha família. Eu gosto muito de vir pra cá, de ver o movimento. Quando não venho trabalhar aqui me sinto triste. Saio de casa e vejo a música o povo circulando e isso anima a gente”.

Quando pergunto por que ela acha que, mesmo com programações gratuitas e geograficamente tão próximas do Poço da Draga, há uma baixa frequência deste público ela responde: “Não vão porque não querem. Eu acho interessante, só não tenho tempo”. Questiono se ela acha que há algum desconforto em relação ao local, se ela acredita que o

espaço poderia inibir de alguma forma, a ponto de não se sentirem confortáveis e ela discorda, apontando que não acredita ser isso já que é um espaço público.

Dona Rosineide representa uma quantidade expressiva da comunidade Poço da Draga, que de certa forma valoriza o CDMAC e se beneficia de sua existência, porém não usufrui de sua programação cultural. Fica evidente que o despertar desta sensibilidade para os momentos de arte e cultura estão intimamente associados ao processo educativo, seja da vivência no contexto escolar, seja da participação ativa no contexto da organização social na qual estão inseridos.

Neste sentido, estratégias de formação e mediação que aproximem este público dos espaços e da programação, precisam ser estudadas e elaboradas a fim de criar possibilidades para que este encontro aconteça.

Perfil 02 – Entusiasmo e Participação Social

Dona Vanusa tem 57 anos, sendo 46 vividos na Comunidade Poço da Draga. Ela concluiu o ensino fundamental e atua como ambulante na venda de alimentos e bebidas na Praça Almirante Saldanha, no Dragão do Mar. Quando pergunto a ela o que é o Dragão do Mar, ela responde com entusiasmo: “É a minha fonte de trabalho! É também um centro de arte e cultura!”.

Dona Vanusa conhece todos os espaços do Dragão e mostra sua preferência pelas programações que ocorrem no Planetário e Praça Verde. Está bem atendida no que acontece nos espaços e está por dentro da programação.

Para ela o CDMAC é um local de oportunidades, seja como primeiro emprego para muitos jovens da comunidade e até mesmo para os ambulantes, como é também um espaço de diversão e lazer. São essas as principais relações que ela percebe entre a Comunidade e o espaço.

Além do vínculo econômico, é possível identificar que Dona Vanusa aprendeu a apreciar a programação oferecida. Sua participação e conhecimento do espaço se devem a seu engajamento no projeto desenvolvido pela Ong Velaumar em 2000, denominado “Galera do Dragão”. Este projeto consistiu em identificar e qualificar os trabalhadores informais para atuação no Dragão do Mar. O grupo de trabalhadores passou por uma série de formações e visitas que os levaram a conhecer e estabelecer uma relação próxima com o espaço.

Ela me explica que a primeira vez que acessou os espaços do Dragão foi através deste treinamento. Pergunto se a participação neste grupo ajudou a “pegar gosto” pelas

programações e ela confirma: “Ajudou sim, antes eu nunca tinha vindo num lugar como esse. Agora sempre que tenho tempo eu mesmo pago e venho, gosto muito de ir ao planetário”.

Neste sentido é interessante notar que os espaços de organização social se constituem também como ambientes de formação. Além de fazer parte deste grupo, Dona Vanusa cita o grupo de atividades físicas do Corpo de Bombeiros que frequentemente organiza visitas guiadas ao espaço. Segundo ela: “Os bombeiros sempre organizam o dia de visita e aí a gente pode conhecer os espaços. Tudo de graça. Eu já fui a todos os lugares, no planetário, museu, teatro”.

Pergunto a Dona Vanusa se ela acha que o fato de ter ido a escola facilitaria o gosto pelas atividades do Dragão e ela acha que não: “Nunca fui num teatro ou num cinema na minha infância, no meu tempo não tinha essas coisas né minha filha?”.

Sua frequência nas programações do CDMAC não é alta, justificada pela falta de tempo, entretanto está sempre atenta para o que está acontecendo: “Sempre estou ligada nos eventos porque os clientes perguntam né? A gente precisa saber informar”.

Na lógica de Lahire (2006) o fato de Dona Vanusa ter desenvolvido esse interesse e prazer na apreciação das atividades se deu através do processo de influência vivenciado na rede social a qual está inserida e potencializada pela sua participação ativa nos grupos dos quais ela participa. Essa concepção amplia o conceito de formação de gosto, que ocorre para além da família e da escola:

“Isso significa, muito concretamente, que mesmo aquelas que não foram estimulados por seu meio familiar a praticar atividades culturais tem chances de viver em contextos culturalmente mais favoráveis durante sua vida adulta, e que, para eles, nem tudo se definiu na infância: outras influências socializadoras (conjugais, de amigos, profissionais, etc.) substituíram socializações culturais “que faltavam”. Lahire (2006, p. 402).

Nesta perspectiva, o projeto “Galera do Dragão” da ong VELAUMAR , assumiu uma função de mediação e formação junto a seus participantes, aproximando-os do contexto do CDMAC e potencializado o surgimento de habilidades e aptidões, que os levem a desenvolver interesse e prazer em apreciar a programação do espaço.

Neste sentido é notável a diferença que faz quando o espaço estabelece uma relação de diálogo com seu entorno. Para a criação do projeto “Galera do Dragão” a Ong VELAUMAR pode contar com o apoio do CDMAC e de outras instituições que colaboraram para a sensibilização e formação de 120 pessoas da comunidade Poço da Draga que atuavam como flanelinhas e vendedores ambulantes. Os efeitos são perceptíveis mesmo passados 14 anos. O

empoderamento em relação ao espaço se reflete no conhecimento dessas pessoas sobre CDMAC e na forma como influenciam seus clientes, amigos e familiares.

A contribuição de Dona Vanusa para esta pesquisa é a de trazer a luz para a necessidade da ampliação e manutenção permanente deste diálogo do CDMAC com o seu entorno.

Perfil 03 – Engajamento e Mobilização Social

Izabel Cristina Lima tem 48 anos, é nascida e criada no Poço da Draga. Izabel é funcionária do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura há 15 anos. Se formou em pedagogia, possui pós graduação em Arte e Educação e também em Serviço Social, Políticas Públicas e Direito Social.

Quando começou a trabalhar como monitora no Museu de Arte Contemporânea do CDMAC, estava concluindo o ensino médio: “Comecei a trabalhar muito cedo, já com oito anos para ajudar na sobrevivência da casa. Sempre gostei de desenhar. Adorava desenhar caravelas. Depois eu vim trabalhar no Museu como educadora e aí eu já tinha esse olhar para o desenho”. Em 2003 Izabel fez seu projeto de pesquisa para conclusão da graduação em torno do programa recreativo “Pintando e Brincando no Dragão do Mar”, que oferece atividades lúdicas para crianças. Apresentou o projeto para a Diretoria de Ação Cultural da época e foi bem recebida. Além do teor lúdico, o projeto propunha utilizar mão de obra da comunidade no monitoramento das atividades. Deu certo e desde 2003 Izabel é Coordenadora de Ação Educativa e até hoje comanda o projeto.

Esta experiência ajuda na sua definição sobre o que é o CDMAC: “Para mim o Dragão é um espaço de convivência cultural entre todas as classes sociais do Ceará, Brasil e do mundo. Hoje não vejo o estado do Ceará sem o Dragão. É a principal referência de cultura pro nosso estado”. Izabel ressalta que até hoje participa ativamente da programação do espaço seja atuando profissionalmente ou apreciando shows e espetáculos. Para ela além de um espaço de arte e cultura o Dragão do Mar tem a função de “difundir arte e cultura, mas também a educação e a sociabilidade. O atual presidente acerta ao dizer que o Dragão do Mar é um local de encontros”.

Engajada socialmente, Izabel dá continuidade ao trabalho desenvolvido por sua mãe na criação da Ong Velaumar que desenvolve atividades de educação e geração de renda na Comunidade Poço da Draga. A Ong dispõe de um espaço com Biblioteca, Ilha Digital e Máquinas de Costura. Segundo Izabel “o principal objetivo é dar oportunidades e fortalecer a

economia da comunidade”. Izabel é conhecida como uma líder comunitária, articuladora de parcerias e principal elo do CDMAC com a Comunidade do Poço da Draga.

Izabel conta que até hoje já passaram pelo Dragão do Mar 234 jovens da comunidade e complementa dizendo que a partir desta experiência “essas pessoas tem outra visão de mundo, pois puderam vivenciar o espaço e aprender coisas importantes para a vida. Por isso digo que o a importância do Dragão não é só cultural, é social também porque influencia na crítica, na vida das pessoas”. Atualmente o Dragão tem cerca de 10 funcionários efetivos provenientes do Poço da Draga. Muitos jovens da comunidade tem no espaço sua primeira oportunidade de emprego ou estágio, muitos atuando juntamente com Izabel no Projeto Pintando e Brincando.

Durante sua infância não teve contato com peças de teatro ou cinema, mas as vivências dentro do CDMAC contribuíram para suas experiências neste campo: “Antes do Dragão eu não tinha vivência nas programações culturais. Depois que comecei a trabalhar aqui, meu gosto ficou mais apurado. Aflorou minha sensibilidade. Por exemplo, se hoje se assistir um espetáculo sei classificá-lo e indicar a faixa etária que é interessante de ver. A vivência no espaço me levou a pesquisar”. Para Izabel o Dragão é um espaço importante para sua vida: “É a minha segunda casa. Foi aqui que aprendi a exercer minha cidadania, a respeitar as diferenças, a ouvir. É parte importante da minha vida”. Isso fica demonstrado no seu permanente engajamento que atravessa as transições de gestões e na sua constante articulação de possibilidades que ampliem a conexão entre Dragão e Poço da Draga.

Quando pergunto para ela qual é a relação existente entre o Dragão e a Comunidade do Poço da Draga, ela enfatiza que atualmente a relação é estritamente de vínculo empregatício. Mas avalia: “Deveria ser mais, trazer a comunidade para formação, para ocupar o espaço. Não se explica hoje não haver uma programação do Dragão que ocorra na Comunidade. Falta diálogo, a relação é frágil”.

Essa fragilidade do diálogo com o entorno fica evidente na fala de Izabel, que avalia que além do contato com a Comunidade o CDMAC deveria também abrir uma conversa com os trabalhadores informais da praça, como foi feito com êxito no projeto “Galera do Dragão”, na qual foram capacitados e qualificados para atuarem no espaço.

Sobre as impactos provenientes da instalação do CDMAC há 15 anos no entorno da comunidade, Izabel pondera: “Nós já estávamos aqui. A comunidade do Poço da Draga tem 108 anos de existência. É o Dragão que está no nosso entorno e não o contrário”. Izabel faz uma avaliação positiva da chegada do Dragão na Praia de Iracema ao dizer que a chegada do

equipamento cultural “fortaleceu nosso pensar em permanecer no nosso lugar de origem. Fortaleceu nossa luta para melhorar as nossas condições de vida”.

Neste sentido os impactos mútuos dessa relação ficam evidentes na fala de Izabel. Com uma visão aguçada do processo ancorada na sua experiência desde os primórdios do CDMAC, Izabel contribui para a reflexão sobre a importância do diálogo permanente do espaço com seu entorno. Traz a luz experiências que foram positivas e caíram em desuso pela descontinuidade das gestões. Reforça a necessidade de ampliar o olhar para este público próximo e distante ao mesmo tempo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso desta pesquisa buscou-se compreender a relação estabelecida entre o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a Comunidade do Poço da Draga. Neste contexto foi possível dialogar com diferentes perspectivas e olhares por parte dos entrevistados.

Na pesquisa de campo foi possível identificar que os moradores tem um olhar positivo quanto a existência do CDMAC no seu entorno, sobretudo devido as relações econômicas que são estabelecidas através da geração de empregos diretos e também do mercado informal. Para a grande maioria esta é a principal relação entre a comunidade e o espaço. Nas entrevistas foi possível perceber que os moradores entendem o CDMAC como um espaço dedicado a cultura.

A participação dos moradores na programação do CDMAC é mais acentuada nas Praças Almirante Saldanha e Verde, nas quais ocorrem shows ou simplesmente onde é de livre circulação. Dos espaços fechados, o planetário tem a preferência dos moradores. A baixa participação nas programações de espaços fechados como teatro, cinema e museus, denotou uma “falta de hábito” para frequência nestes espaços associada a necessidade de uma mediação e ações formativas.

O cinema hoje conta com uma participação ínfima de moradores, sobretudo devido a grande quantidade de filmes legendados que afasta grande parte dos espectadores por requerer uma habilidade de leitura mais apurada.

Na análise dos perfis culturais, foi possível identificar que moradores que vivenciaram um processo de formação e mediação no espaço, desenvolveram uma relação permanente com o local, são atentos a programação e mantém uma frequência na visitação. Já os entrevistados que nunca tiveram um acompanhamento ou vivencia facilitada, nunca chegaram a conhecer o CDMAC ou a desenvolver uma relação amistosa e de entendimento da função do espaço.

Esta análise propiciou compreender a importância do papel de formação e mediação cultural do CDMAC, no seu entorno e num todo em relação a cidade. Traz a luz para a necessidade de ações educativas integradas entre os espaços, que esteja atenta e articulada com o seu público.

A necessidade de ampliar o diálogo entre o CDMAC e a Comunidade Poço da Draga ficou explícita durante o processo de pesquisa e realça a necessidade da realização de projetos que contemplem o seu entorno direto nas suas diretrizes de ação cultural. Através de experiências relatadas de iniciativas já testadas, porém descontinuadas na alternância de

gestões, projetos que contaram com a colaboração direta da comunidade como a “Galera do Dragão”, obtiveram bons resultados.

Nesta ótica, é preciso compreender que a permanência do diálogo com o entorno direto reflete em benefícios para ambas as partes. É uma contrapartida social necessária, que só pode ser efetivada através da participação e inserção deste público no seu plano de ação. Pode-se perceber que no contexto da comunidade esta ação seria bem vinda, mais que isso, desejada.

No campo de estudo dos públicos da cultura, essa pesquisa possibilitou o entendimento de uma relação sistêmica, na qual o equipamento cultural e seu público precisam estar conectados não apenas por uma oferta, mas por um processo de construção que considere a educação como elemento crucial no seu projeto de ação cultural.

Assim, estratégias de mediação e formação, estão associadas a diálogo e escuta ativa, do seu público e do seu entorno direto. É preciso compreender que os equipamentos culturais não são ilhas isoladas do contexto urbano e que é o diálogo que estabelece com a cidade que lhe confere sua função primordial de elemento difusor de cultura, mas também de sociabilidades e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. In: São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.15, n.2, p.73-83, abr./jun. 2001.
- BOTELHO, Isaura; FIORE, Maurício. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo: relatório da primeira etapa de pesquisa. São Paulo: Centro de Estudos da Metrópole, CEBRAP, 2005.
- BOTELHO, Isaura; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. Centros Culturais e a formação de novos públicos. In: RUBIM, Albino (Org.). Percepções: cinco questões sobre políticas culturais. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 11-20.
- BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003.
- LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. A Cultura dos Indivíduos. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA, Izabel C. L. Pedagogia popular na comunidade do Poço da Draga: Compartilhando saberes. 2006. Monografia (Graduação em Pedagogia) Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza.
- GONDIM, Linda M. P. O Dragão do Mar e a Fortaleza Pós-Moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade. São Paulo: Annablume, 2007.
- GONDIM, Linda M. P. Espaço Público, requalificação urbana e consumo cultural: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno. O público e o privado (UECE), v. 17, p. 59-69, 2011.
- OLIVEIRA, H. M. A. O Poço da Draga e a Praia de Iracema: convivência, conflitos e sociabilidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. O País Distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo, PubliFolha, 2002.
- SECRETARIA DA INFRA-ESTRUTURA (SEINFRA). Poço da Draga – Sistema de Cadastro do Censo Habitacional. Fortaleza, novembro de 2001, mimeo.

ANEXOS

Questionário
Data:
Local:
Grupo: () Idoso () Adulto () Jovem/Adolescente () Criança () Funcionário
Dados do Entrevistado
Nome:
Idade:
Ocupação:
Escolaridade Máxima:
Estado Civil:
Roteiro de Perguntas
1. Pra você o que é o Dragão do Mar?
2. Você já participou de atividades no Dragão do Mar? () Sim () Não Caso sim, quais atividades:
3. Atualmente, você frequenta o Dragão do Mar? () Sim () Não Caso sim, quais atividades:
4. Pra você qual a função do Dragão do Mar?
5. Pra você, qual a relação entre o Dragão e a Comunidade do Poço da Draga?
6. Você considera o Dragão do Mar um lugar importante para a sua vida? () Sim () Não Por quê?
7. Pra você, quais os pontos positivos do Dragão do Mar?
8. Quais os pontos negativos?
9. Do que vc sente falta no Dragão do Mar?
10. O que faz no tempo livre?
Observações: